
- **ESTUDOS SOBRE LÍNGUAS AMERÍNDIAS**

Coordenador(a): Angel H. Corbera Mori

Neste Simpósio serão discutidos trabalhos recentes sobre línguas Ameríndias, focalizando àquelas faladas no Brasil, tais como línguas das famílias Pano, Arawák e Tupi-Guarani. Os trabalhos a serem apresentados versarão sobre fonologia, morfossintaxe e léxico.

A GRAMÁTICA PANA DO R.P. FR. MANUEL NAVARRO (1903)

Angel H. Corbera Mori (UNICAMP)

As línguas da família Pano são faladas na parte oriental dos Andes do Peru e nas regiões amazônicas da Bolívia e do Brasil. Os pesquisadores que trabalham com os povos Pano assumem que ainda se falam 28 línguas Pano, sendo 14 delas no Peru, 13 em Brasil e apenas 3 na Bolívia. A identificação dessas línguas como parte de uma família lingüística foi sugerida, no final do século XIX, pelo francês Raoul de la Grasserie (1890). Assim, desde os primeiros anos do século XX, os trabalhos comparativos e de classificação, baseados nos aportes de missionários, viajantes e etnólogos, revelaram determinadas características que definem a família Pano como diferente das outras famílias lingüísticas existentes no continente americano.

O nome Pano tem sua origem em uma das línguas desta família, língua que posteriormente recebeu as denominações de Panobo (Shell 1975, Tessmann 1999), Wariapano (Shell 1975, Parker 1992), Panavarro (d'Ans 1970). A língua Pano está extinta. O último falante dessa língua desapareceu na década de 90 do século XX (Parker 1992, Solis 2002). Contudo, uma repre-

sentação dessa língua pode se encontrada em escritos antigos, sobretudo no "Vocabulário Castellano-Quechua-Pano con sus respectivas Gramáticas Quechua y Pana do missionário Franciscano R.P. Fr. Manuel Navarro (1903). Nesta comunicação será analisada apenas a parte correspondente à "Gramática Pana" com ênfase na forma como esse autor divide a gramática da língua em termos das declinações nominal, verbal e particulas verbais. Será tratada também a seção da sintaxe feita por Navarro.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS ORAÇÕES INDEPENDENTES DO AVÁ-CANOEIRO (TUPI-GUARANI)

Mônica Veloso Borges (UFG)

O Avá-Canoeiro, pertencente ao Subgrupo IV da família Tupi-Guarani, juntamente com as línguas Tapirapé, Asurini do Tocantins, Surui do Tocantins, Parakanã, Tembê e Guajajara, é falado por 25 pessoas, com diferentes graus de proficiência e uso. Na reserva localizada a oitenta quilômetros da cidade de Minaçu, em Goiás, vivem seis indivíduos. Os demais moram nas aldeias Canoanã e Boto Velho, na Ilha do Bananal, no Estado do Tocantins, junto ao povo Javaé (Macro-Jê). O conhecimento que se tem acerca da língua Avá-Canoeiro restringe-se quase que exclusivamente a listas de palavras, além de uma dissertação de mestrado, que tratou de modo preliminar de aspectos fonológicos dessa língua, carecendo, por conseguinte, de pesquisas pormenorizadas, de modo especial de sua sintaxe. Desde 2001 venho estudando a língua e meu objetivo nessa comunicação é apresentar algumas observações iniciais sobre as orações independentes, numa perspectiva tipológico-funcional. Para tanto, abordarei orações com predicado verbal (intransitivas ativas, intransitivas descritivas e transitivas), com cópula e com predicado não-verbal (possessivas e locativas).

CONSIDERAÇÕES SOBRE ACENTO EM SATERÉ-MAWÉ

Raynice Geraldine Pereira da Silva (UNICAMP)

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo preliminar do acento na língua Sateré-Mawé enfocando a composição de palavras simples e compostas, bem como a constituição de palavra fonológica na língua. A Terra Indígena Andirá-Marau dos índios Sateré-Mawé, localiza-se na divisa dos Estados do Amazonas e do Pará (região do médio rio Amazonas), com uma população aproximada de 8.000 indígenas. A língua Sateré-Mawé é classificada como membro único da família Mawé no tronco lingüístico Tupi (Rodrigues 1984/85, 1997). Nessa comunicação, pretendemos apresentar uma análise do padrão acentual da língua tendo duas abordagens como enfoque teórico. A primeira, na abordagem fonêmica (Pike, (1947) e Kindell (1981)) verificando a ocorrência do acento em palavras simples e em palavras compostas por outras palavras ou por afixos. A segunda, na abordagem da teoria métrica do acento (Hayes, (1995) e Hogg & McCully, (1987)) verificando, principalmente, a ocorrência de vogais longas em sílabas não acentuadas e também se, na composição de palavras por afixos, o padrão acentual é alterado ou permanece. Nesse estudo pretende-se fazer algumas considerações sobre o acento na língua Sateré-Mawé inicialmente na palavra (simples e composta) e visando unidades maiores de análise, tais como sentenças e enunciados. A constituição da palavra fonológica na língua Sateré-Mawé será feita a partir de traços segmentais e traços prosódicos propostos por Dixon & Aikhenvald (2003).

ESTUDO PRELIMINAR DA MORFOSSINTAXE NOMINAL DO KAIOWÁ

Valéria Faria Cardoso (UNICAMP)

A língua Guarani, membro da família Tupi-Guarani, compreende alguns dialetos falados no Brasil, na Argentina, no Paraguai e na Bolívia. O Kaiowá (Kaiwá) é classificado por Rodrigues

(1985) como um dialeto da língua Guaraní, juntamente, com outros dois dialetos falados no Brasil: o Nandéva e o Mbyá. O dialeto Kaiowá, falado na região da Grande Dourados-MS, neste trabalho preliminar, terá aspectos de sua morfossintaxe nominal, abordados numa perspectiva de cunho tipológico-funcional, mais especificamente, nos trabalhos de Payne (1997); Givón (1984); Seki (1987 e 2000); Velazquez-Castillo (1996); Bauer (2003); Haspelmath (2002); entre outros. O presente trabalho tem por objetivo descrever aspectos constitutivos da categoria lexical - nome - a partir de critérios formais, tendo por base, propriedades morfossintáticas prototípicas desta categoria. As características morfossintáticas dos nomes serão analisadas a partir das propriedades estruturais, acenadas por Payne (1997), que compreendem as operações flexionais e derivacionais. Buscaremos identificar o que são, prototipicamente, nomes em Kaiowá, concebendo-o, a princípio, com base na semântica (Givón, 1984) e, posteriormente, trataremos especificamente das "Propriedades Estruturais" dos nomes, observando as operações flexionais e derivacionais produtivas dentre os tipos nominais possuído e os não-possuídos. Com tal base descritiva e teórica, pretendemos analisar a estrutura nominal do Kaiowá.

LÍNGUA KINIKINAU – DESCRIÇÃO DO SISTEMA FONOLÓGICO

Ilda de Souza (UNICAMP)

Nesta comunicação apresento resultados preliminares do estudo que venho realizando da língua Kinikinau, com ênfase no sistema fonológico. Essa língua é falada pelos índios Kinikinau, sub-grupo dos Guanã, família lingüística Aruak. (cf. Sanchez Labrador 1760). O grupo vive na Aldeia São João, próximo à cidade de Bonito - MS, em terras pertencentes aos índios Kadiwéu. Não há estudo dessa língua, porque a etnia foi considerada extinta desde o início do século XX (Oliveira, 1976) e seus falantes têm sido freqüentemente confundidos com índios Terena ou Kadiwéu, até mesmo pela FUNAI (cf. Braz, comunicação pessoal 1993), citação confirmada pelos próprios Kinikinau em relatos registrados em pesquisa de campo. O corpus utilizado para análise é constituído de itens lexicais e sentenças elicitadas, coletadas com base na lista de Kaufman & Berlin (1987). A análise é feita com base em dados transcritos foneticamente a mão e depois levados ao computador. Utilizo o PRAAT, programa de código aberto desenvolvido por Boersma e Weenink na Universidade de Amsterdã, para a descrição dos suprassegmentos. Este programa é importante, uma vez que esta parece ser uma língua tonal. Resultados das análises realizadas até o momento mostram que a língua Kinikinau apresenta, assim como a língua Terena, categorias gramaticais como marcação de pessoa, por exemplo, expressas por traços fonológicos.

MORFEMAS DAS PARTES DO CORPO NAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA PANO

Rogério Vicente Ferreira (UNICAMP)

A família Pano ocupa os territórios do oeste peruano, do noroeste amazônico brasileiro e do nordeste boliviano. É lingüística e culturalmente uniforme (Shell, 1975 e Erikson, 1992; Erikson 1994). Os morfemas que se referem às partes do corpo, nas línguas dessa família, ocorrem como nomes, verbos e adjetivos. Uma questão que podemos levantar é se estes morfemas fazem parte de um processo derivacional ou se estão envolvidos no processo de incorporação. Este trabalho não será o primeiro a discutir sobre esta questão, pois já existe um artigo publicado sobre este aspecto (Fleck 2004). Pretendemos dar continuidade a esta discussão, ampliando o número de línguas a serem comparadas. Por exemplo, Camargo (1991, p. 293) não trata estes morfemas das partes do corpo, na língua Cashinauá, como parte de um processo de derivação, mas como morfemas presos que indicam uma referencialidade corporal, por exemplo, dê "indica o nariz" e -kên designa a totalidade, sendo a sua junção que se referirá ao nariz, ou seja, a todo o nariz

dëkë. Quando estes ocorrem nos verbos, não são prefixados nem incorporados, mas são verbos que num processo histórico se cristalizaram, como em natësê- "verbo cortar para umbigo" e não na-tësê- "umbigo-cortar".

Segundo Sapir (1911), para a incorporação nominal é necessário que um nome seja combinado com o verbo do predicado e que funcione como objeto do verbo. Mitun (1984) afirma que a incorporação nominal talvez seja o mais sintático de todos os processos morfológicos. Tendo isso em vista, procuraremos verificar como estão se comportando estes morfemas de partes do corpo em algumas línguas da família Pano.

NEOLOGISMO NA LÍNGUA MATIS

Vitória Regina Spanghero Ferreira (UNICAMP)

Os falantes da língua Matis estão localizados no Amazonas, próximo à fronteira com o Peru. São aproximadamente 250 pessoas morando na mesma aldeia, em casas separadas por famílias. A língua pertence à família lingüística Pano, e é falada por todas as pessoas do grupo.

O presente trabalho discute o processo de inovação lexical na língua Matis. Tal processo corresponde a uma inovação no interior de um mesmo sistema lingüístico. É muito produtivo, visto a riqueza de formas encontradas nessa língua. Sabemos que o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade lingüística. Com respeito à produtividade lexical, verifica-se que a competência lexical do usuário de uma língua se compõe de dois momentos: o da análise e da interpretação das unidades lexicais estabelecidas no léxico, isto é, já formadas, e o da formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua põe à disposição.

A história das línguas mostra que a incorporação de unidades lexicais neológicas sempre acompanhou o desenvolvimento do acervo lexical dos idiomas. Como conseqüência, os estudos sobre a neologia, particularmente no século XX, refletem a importância atribuída ao fenômeno neológico no nível lexical. Apresentaremos, assim, o estudo deste aspecto na língua Matis.

O INDICATIVO II EM TAPIRAPÉ

Walkiria Neiva Praça (UnB)

A língua Tapirapé, objeto deste trabalho, é falada no estado do Mato Grosso, por aproximadamente 650 pessoas. Como em outras línguas da família Tupi-Guarani, o Tapirapé possui uma construção gramatical tradicionalmente conhecida por modo circunstancial ou indicativo II, porém apresenta particularidades. Pragmaticamente, o núcleo de seu predicado é subordinado a um elemento adverbial que ocupa a posição mais à esquerda da sentença, ou seja, a primeira posição. Na hierarquia de predicados, o indicativo II é independente e tem como núcleo de seu predicado um verbo não-finito. Em termos morfológicos compartilha, com os nomes e com as orações subordinadas, o mesmo prefixo pessoal. Os participantes são de terceira pessoa e se comportam de maneira diferente da do outro predicado independente, denominado indicativo I, cujo núcleo é um verbo finito. Contudo, não se dá o indicativo II quando ocorre a negação de predicado que, conseqüentemente, mantém a morfologia verbal típica de predicado independente. Com base em teorias funcionalistas, este trabalho tem por objetivo descrever o funcionamento desta construção, em que não se verifica uma mudança no seu status sintático e sim na natureza do seu predicado.